



DANZIGER, Leila (Org.). *Diários públicos: sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Contracapa / FAPERJ, 2013.

### O esquecimento e o não esquecimento: *Diários públicos*, de Leila Danziger

Filipe Amaral Rocha de Menezes\*

*Käme,  
käme ein Mensch,  
käme eine Mensch zur Welt, heute, mit  
dem Lichtbart der  
Patriarchen: er dürfte,  
spräch er von dieser  
Zeit, er  
dürfte  
nur lallen und lallen,  
immer-, immer-  
zuzu.*

*(„Pallaksch. Pallaksch.“)<sup>1</sup>  
Tübingen, Jänner. Paul Celan*

Desde tempos imemoriais, um livro, por si só, pode ser, também, uma obra de arte. Na Idade Média, antigos compêndios e enciclopédias, bíblias ou manuais, folheados a ouro ou incrustados de pedras preciosas, foram impressos manualmente por monges em seu trabalho minucioso de copistas e iluminadores. Para além da invenção da impressão mecânica e da evolução da indústria gráfica, os livros são, assim, muito mais do que simples objetos com folhas impressas presas numa lombada. Quando tratam de objetos de arte em si, na contemporaneidade, superam o simples objetivo da leitura de seu conteúdo, bem como seu valor enquanto um bem material. Nesse cenário, do bem cultural, surge a obra de Leila Danziger, *Diários públicos*.

Assim como na epígrafe desta resenha, ao se folhear as primeiras páginas de *Diários públicos*, o leitor encontrará os versos de Paul Celan, do poema “O meridiano”. Segundo a autora, a presença de Celan em sua obra é crucial, pois afirma que “a vocação de sua poesia é atualizar-se continuamente, deslocar-se do contexto original da memória dos crimes nazistas e informar nossas pequenas e grandes catástrofes de cada dia (o estado de exceção, o abandono, a vida nua).” Dedicado à memória do pai, o livro é, sobretudo, um conjunto das múltiplas atuações de Leila Danziger: poesia, prosa, artes plásticas, vídeo. Por



trás destas, ecos da memória do pai, dos poemas de Celan, das experiências do cotidiano.

Há referências à literatura em toda a sua obra e no livro, em particular. Na apresentação, Danziger se vale de uma citação de Heinrich Böll, escritor alemão do pós-guerra, por meio do conto “O rejeitador”. A partir dessa narrativa, a artista abre uma discussão sobre o seu próprio trabalho em *Diários públicos*. Esse livro se divide em duas partes, cada uma delas dedicadas a trabalhos artísticos próprios, desenvolvidos em períodos diversos, mas entrelaçados aos poemas de Celan. A primeira delas, intitulada “Para pensar o apagamento”, é dedicada à produção de *Diários públicos*, obras artísticas desenvolvidas entre 2001 e 2011, que enfatizam o esquecimento. A segunda parte, “Tarefa infinita”, é dedicada à produção de *Nomes próprios*, instalação realizada entre 1996 e 2003, que trata da resistência ao esquecimento e à construção da memória. Entre essas duas partes, o leitor encontrará diversas páginas com fotografias e reproduções de ensaios e textos literários da autora. Por último, “Ruínas e ruídos da informação” apresenta um conto e alguns ensaios; e “Para Paul Celan”, traz um ensaio sobre a língua paterna e o poema “Destroços”.

Após várias páginas com reproduções e fotografias de obras ligadas às séries do trabalho *Diários públicos*, surge a seção “Para pensar o apagamento” com textos críticos de diversos autores. Abrindo a discussão, um artigo de Luiz Cláudio da Costa, ensaísta e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, apresenta a série de Danziger e afirma como a artista investe nessa atividade por meio de apropriações, recontextualizações e resignificações. De acordo com Costa, essa série “apresenta a condição da obra de arte na contemporaneidade como um singular teatro da leitura.” Uma coleção de jornais diários acumulados e conservados para serem lidos aos poucos, assim, poderia definir a série, entretanto, a artista trabalha a materialidade da folha do jornal, apagando, carimbando, imprimindo, gravando e se inscrevendo na página.

O jornal se torna, desse modo, objeto poético, finalidade sem fim, como afirma Vera Lins professora de literatura também da UERJ. Em “Entre o excesso e a exceção: a profanação do jornal”, a ensaísta observa como os jornais de Danziger, o seu papel, as alterações no material, se aproximam e se mesclam à poética de Celan e a ressignificam ao receber, em suas folhas gastas, o carimbo vermelho contendo o texto: “Para-ninguém-e-nada-estar”, verso de Celan, fazendo surgir, assim, uma nova poética, a do esquecimento e da violência anônima.



Além dos dois ensaios citados, constam nessa seção do livro: “Lembrar, esquecer, sonhar”, de Sheila Cabo Geraldo, que aproxima a obra de Danziger à literatura de Jorge Luis Borges, discutindo a série de trabalhos *Para Irineu Funes* (2003/2004); “O que desaparece, o que resiste: para pensar o apagamento”, de Marina Bortoluz Polidoro, que compara a estratégia de intervenção dos jornais de Danziger a distintas formas de apagamento na obra dos artistas plásticos norte-americanos Cy Twombly e Robert Rauschenberg; e, fechando essa parte, “Entre a areia e o mar”, de Raphael Fonseca, sobre a exposição da Danziger em Tel Aviv, em junho de 2011, *O que desaparece, o que resiste*, resultado de seu pós-doutorado junto à Bezalel Academy of Arts and Design de Jerusalém.

A trajetória artística de Danziger é continuada em “Tarefa infinita”. Antes é possível conferir um pouco do que foi esse outro “trabalho em processo”, por meio de reproduções e fotografias das exposições e das instalações pertencentes às séries de *Nomes próprios*, de 1996 a 2003. O crítico de arte e curador Fernando Cocchiarale abre essa seção com o homônimo ensaio “Nomes próprios”, sobre uma série em que Danziger pesquisa e encontra, no *Livro da lembrança* da Comunidade Judaica de Berlim, 76 nomes de judeus alemães desaparecidos na Shoah com o seu sobrenome. Diante desse arquivo, a artista transforma o desespero e a morte em arte, compondo 76 suportes em papel envelhecido com os nomes, datas e possíveis locais de desaparecimento. Para Cocchiarale, nesse trabalho, há uma tensão que supera o âmbito subjetivo familiar em “Nomes próprios”, e os dados impressos nas folhas gastas dos suportes personificam e indicam um destino comum, “histórico (o fim coletivo no Holocausto promovido pelos nazistas) e ontológico (a inevitabilidade da morte e o esquecimento que ela fatalmente representa para o indivíduo).”

Segundo a artista, *Nomes próprios* tem como matéria-prima os vestígios de pessoas desaparecidas na Shoah, assim, percebe-se, nos diversos fac-símiles, o que o próprio título da seção sugere: a tentativa de não deixar esquecer. Márcio Seligmann-Silva trata dessa tentativa em seu ensaio “A arte de dar forma ao real: a poética da memória de Leila Danziger”. Em vários trabalhos, de forma sutil e até agressiva, a artista expõe o horror da Shoah, como em *Nomes próprios*. Seligmann-Silva menciona essa agressividade impressa nos livros em forma de lápide e a frieza das descrições da morte, o desaparecimento nos campos, a morte natural, o suicídio, que seriam memoriais do esquecimento e retratos da impossibilidade de dar um corpo ao passado.

Numa continuidade a *Nomes próprios*, os trabalhos de *Greifswalder Strasse 138*, também são monumentos à lembrança e à luta para o não esquecimento. Seligmann-Silva relata que Danziger leu uma reportagem do jornal *Tagespiegel*,



em que uma senhora havia encontrado correspondências de seu pai com sua amante apenas após a queda do Muro de Berlim. Ruth Nube, a autora do artigo, pesquisou sobre essa amante judia de seu pai e descobriu o seu destino: nos arquivos da cidade, *Landearchiv Berlin*, estavam arroladas a amante e sua filha (meia-irmã de Nube), com vários outros nomes, num transporte em direção aos campos de concentração, datado de 29 de novembro de 1942. Danziger reproduziu a matéria do jornal e a trabalhou em diversas serigrafias que desdobrariam o testemunho de Nube, impressas nas páginas de um jornal – a memória curtíssima fadada ao esquecimento, como as informações jornalísticas – tentando dar conta de um passado, eternizá-lo.

Outros dois ensaios ainda compõem essa seção. Luiz Cláudio da Costa faz nova contribuição por meio do texto “O efeito-arquivo no trabalho de Leila Danziger”. Nele, discute a questão do arquivo na obra da artista a partir de um texto em um pôster da exposição: “A que categorias submeter tudo àquilo que sobra, mas guarda ainda possibilidades não realizadas? Sob que critérios reunir, relacionar, classificar?”. Assim, por meio das diversas séries produzidas pela artista, Costa reflete sobre como a lógica de um arquivo surge em sua obra: “Colecionando jornais, ela neutraliza o esquecimento; apagando imagens, faz ver figuras; gravando balbucios poéticos, impulsiona outras falas.” A outra contribuição é feita por Wilson Montenegro, artista e fotógrafo, com o ensaio: “Sem gaze nos olhos”, que trata de uma exposição de Danziger no Parque Lage, no Rio de Janeiro. Imagens dessa exposição estão disponíveis no livro, pertencentes a uma exposição ocorrida em 2012.

Além dessa vasta produção plástica, instalações, fotografias, colagens, Danziger ainda incursiona pela literatura, em especial pela poesia. *Diários públicos* contém um poema e um conto da autora, além de seus ensaios, nos quais as artes plásticas e as literárias convivem, por meio dos textos “O jornal e o esquecimento”, “Pallaksch Pallaksch” e “A língua paterna”, o conto-ensaio “Mercúrio e jornais” e o poema “Destroços”. No conto-ensaio, ambigualmente, entre as duas modalidades de escrita, nas primeiras páginas de *Diários públicos*, descreve-se uma estranha mulher num ponto de ônibus, toda pintada de vermelho. Impressionada com o inesperado da estranha figura que espera um ônibus, a narradora revela um possível “retrato de Artaud”. A partir de um flerte com a metalinguagem, trata-se, então, sobre a arte com os papéis: “passei alguns anos perfurando papéis”, “desfaço jornais”, “o vetor do trabalho é a página impressa rarefeita, apagada, sabotada” – é uma abertura, uma apresentação para o que virá logo em seguida.



Como numa espécie de autobiografia, ou por meio de elementos, ou pistas, deixados pela escritora, ou pelos biografemas, como queria Roland Barthes, deve-se ler o poema “Destroços”, de Danziger, última parte do livro. Esse poema já havia sido publicado anteriormente numa revista acadêmica e pertence à seleção de textos feita para *Três ensaios de fala*, livro de poemas de Danziger. Os versos de Celan, os carimbos utilizados nas últimas produções da artista, o balbuciar e o repetir, parecem pistas da construção da memória deixadas pela artista em toda a sua obra, não só no poema. Semelhantemente, os biografemas, encontrados nas séries e nas exposições pertencentes a *Diários públicos*, são os reflexos do ato da criação, da luta contra o esquecimento. Um livro da contemporaneidade, *Diários públicos* constitui-se como uma importante reflexão para compreender a obra artística da artista e do trabalho do artista pós-Shoah; evocando, em sua criação, questões acerca das artes visuais e da poesia, sobre a estética de Paul Celan, sobre *lallen und lallen*.

-----

\* **Filipe Amaral Rocha de Menezes** é Mestre em Letras: Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.

Outros livros de Leila Danziger:

DANZIGER, Leila. *Edifício Líbano*. Rio de Janeiro: Instituto de Artes / Uerj, 2012.

DANZIGER, Leila (Org.). *Todos os nomes da melancolia*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012. (Coleção Cosmocopa + Apicuri).

DANZIGER, Leila. *Três ensaios de fala*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

---

## Nota

<sup>1</sup> Viesse,/ viesse um homem,/ viesse um homem ao mundo, hoje, com/ a barba de luz dos/ Patriarcas: ele poderia/ se falasse ele deste/ tempo, ele/ poderia/ apenas balbuciar e balbuciar/ sempre –, sempre –,/ continuamente. (“Pallaksch. Pallaksch.”). Tradução de Leila Danziger.